



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Comércio, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tathoba — Lisboa — Telefone 2

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

UM PARER DO COMITÉ CONFEDERAL

Propaganda e organização

É indispensável uma permanente propaganda junto da organização sindical da província

Na próxima reunião do Conselho Confederal, o Comité Confederal apresentará, para ser submetido à apreciação dos delegados, o seu parecer sobre a propaganda permanente a fazer junto da organização sindical da província, e que é do seguinte teor:

Caros camaradas:—O Comité Confederal tem seguido atentamente a acção e a propaganda desenvolvida em toda a organização, estando assim ao facto do estado em que esta se encontra em todo o país.

Desde que se constituiu a C. G. T. e que ao Comité foi dado conhecer de perto o estado moral das organizações nas principais localidades, logo notou uma manifesta falta de militantes, falta que cada vez se foi acentuando mais à medida que o tempo se foi passando.

Se não fôr isto o bastante para que a organização não se desenvolvesse — excepção feita a um ou outro organismo — a agravar mais esta situação veio a indiferença, mal profundo que invadiu todas as classes, cujas causas, variadas e complexas, se vão achar, em última análise, na falta de confiança mútua entre os indivíduos.

Não estamos muito longe da verdade se dissermos que esta desconfiança se filia no facto, para nós incontestável, de muito haverem prometido os políticos de todas as nuances e de as populações muito haverem confiado do Estado, entidades que por longo tempo fizeram acreditar às massas simplistas que eram, em certos casos, como que as únicas salvadoras do povo.

As massas, que antes confiavam tudo da divina providência, aceitaram, sem mais exame, as promessas feitas e esperavam a sua realização. Succederam-se os regimes e os partidos, novos homens surgiram agitando tentadores programas de regeneração progressiva, e, ou pelos meios eleitorais, ou pelas revoltas armadas, foram sustentando a credulidade popular.

Mas os factos económicos tiveram sempre mais acção no seio das sociedades, determinando-lhes o seu modo de ser psicológico, sabido como é que a moral é o produto da directriz educativa que os possuidores da riqueza imprimem aos povos, pelo exercício do poder que resulta da sua usurpação económica.

E o povo que trabalha, que produz, que exerce funções úteis à sociedade em troca de mesquinhos salários, sendo o que mais sofre, teve também a paciência de esperar. Esperou, esperou sempre e desesperou-se. Mas, educado num sentido falso, não tendo uma noção exacta dos princípios de justiça; habituado ao servilismo pela renúncia dos seus direitos, não soube unir os seus esforços, não adquiriu vontade para decidida e energicamente impor-se.

A guerra, despertando o anseio de libertação, foi contudo um elemento para fazer degenerar a luta. A organização sindical após a guerra fortaleceu-se a alguma coisa. Mas é necessário acentuar bem que o principal factor tinha a mesma derivação da guerra. Esta, que foi determinada pela ambição dos donos da produção, aguçou-lhes consideravelmente os apetites egoístas, apetites que se manifestaram em cada um que negociava ou traficava. Novos traficantes surgiram e do seio da própria classe operária saíram alguns elementos que se transformaram em negociantes ou industriais.

A desmoralização egoísta subiu ao auge. E com as greves raras vezes se conseguiu sustentar o equilíbrio no far de cada operário. A continuação destes movimentos deu ao, por outro lado, a que o patronato particular e o Estado se parapsassem contra as classes que vinham à luta. A imprensa da finança, ou a sôda da mesma, completava a obra de desmoralização.

Enguanto houve, sob o ponto de vista moral, viabilidade para que cada classe pudesse promover movimentos para novas conquistas, a organização ia ficando de lado e tal facto levava, tendo sobretudo em atenção os movimentos francamente revolucionários e emancipadores de outros países — a supor-se haver a predisposição por parte das massas trabalhadoras para um movimento paralelo.

Mas, talvez porque lá fora não se efectivou, segundo a previsão que se chegou a precisar, os esperados acontecimentos; e não se tendo, por uma forma rigorosa e absoluta, adquirido as vantagens materiais por meio de alguns dos movimentos que se fizeram; vindo depois a crise de trabalho reduzir as possibilidades de viver a algumas classes, crise que indirectamente se reflecte na maioria das outras indústrias, porisso que reduz a possibilidade de compra, a organização sindical ressentiu-se.

Se se tiver em consideração o trabalho, em público ou de «sapas», dos elementos reaccionários, facilmente entendidos com as classes conservadoras, fazendo reviver crenças já apagadas no seio dos trabalhadores; e, ao lado da concentração das forças patronais, a tentativa, monárquico-integralista, de promover a organização das antigas corporações de operários e patrões, (organismos mistos que a própria lei de 9 de Maio de 1891 permite) em íntima colaboração de classes, encontrar-se há mais estes factores morais, que, aliados aos factores materiais, contribuem poderosamente para a desagregação e indiferentismo da classe trabalhadora.

A C. G. T. deveria ressentir-se disso, inevitavelmente. E a sua acção nunca poderá ter eficácia, seja sobre que questão fôr e em qualquer circunstância em que haja de actuar, conservando-se a organização como se encontra.

Entende o Comité Confederal que é necessário falar claramente, para se saber de que recursos lançar mão a fim de a toda a organização ser infundada a vida que necessita para poder impor-se.

A acção da C. G. T., como é axiomático, é o reflexo da acção dos organismos que a compõem. A vida, próspera ou precária, da C. G. T., assim como a sua acção, energética ou não, é lida das vidas das Unões de Sindicatos e das Federações de indústrias.

Mas a vida destes organismos é, por sua vez, a resultante da vida dos Sindicatos que os constituem.

Em sindicalismo, a acção é exercida dos Sindicatos para as Unões e Federações e destas para a Confederação. Porém, nem os sindicatos terão vida se os seus componentes não lhe derem.

Ora acontece que na grande maioria dos sindicatos dificilmente se encontram, em número suficiente, militantes que reñam as indispensáveis condições de bem orientar os organismos de que fazem parte.

E assim, cada União, conjunto de delegados representantes dos Sindicatos de cada localidade, sofre naturalmente com estas deficiências, não podendo desempenhar as funções que lhe são inerentes.

As Federações sofrem em grande parte do mesmo mal. Mas este poderia ainda superá-lo, se tivessem recursos materiais bastantes para fazer irradiar a propaganda pela província.

O Comité Confederal, depois dum estudo aturado do assunto — o que dá apenas um apegado reflexo — conclui por considerar que o que é necessário é muita propaganda.

Pelos relatórios dos delegados que foram ao sul no dia 1 de Maio e pelo que observou no norte, depois daquela data, o secretário geral, considera o Comité Confederal que a propaganda que há a fazer deve ter espírito de continuidade, deve ser persistente e com o duplo fim de robustecer a organização e de criar convicções firmes e decididas em cada operário que desperte para o estudo.

A maior parte deste trabalho tem que ser feito com os recursos da C. G. T., não podendo por mais tempo confiar em que o influxo energético da acção venha dos organismos que são a base da sua existência.

As Unões, as Federações, como os sindicatos terão que permitir a intromissão mais directa da C. G. T. nos seus trabalhos de organização e propaganda e para esse efeito basta apenas estabelecer o prévio e indispensável entendimento entre a C. G. T. e cada um daqueles organismos.

Compreende o Comité Confederal que para se realizar um vasto trabalho, como o que é imposto presentemente pelas circunstâncias, são necessários recursos materiais com abundância, do mesmo modo que é necessário mobilizar um certo número de delegados, que correspondam a esta necessidade.

Se, porém, os organismos que estão em débito à C. G. T. forem compelidos a fazer as suas liquidações, poder-se-á fazer perfeitamente face às despesas; se, pelo contrário, essas liquidações não forem feitas a tempo, o Comité estudará o meio de conseguir os indispensáveis recursos para a acção.

Quanto aos delegados será necessário estabelecer acordos com as respectivas Federações de indústrias para que estas dispensem de entre os seus membros aqueles que reñam as condições e possuam suficiente espírito de sacrifício para se desempenharem destas missões.

E' evidente que este trabalho não poderá ser executado apenas pela C. G. T., pelas Federações de indústrias. Estas, porque fundamentalmente mantêm o espírito corporativista, e lhes mais fácil influir em qualquer localidade junto dos operários da mesma indústria, em virtude das afinidades profissionais e da identidade de interesses. Sob este ponto de vista a sua acção é mais imediata e directa.

Mas se se confiasse exclusivamente a propaganda a estes organismos, não bastaria o controle da C. G. T. Para evitar os perigos dum demasiado corporativismo, no seio do qual o egoísmo particularista prejudicaria o espírito de luta de classes sociais opondo-se ao desenvolvimento dos princípios de solidariedade que na mesma luta une os operários de todas as indústrias e profissões.

Uma parte considerável do trabalho cabe às Unões de Sindicatos, especialmente daquelas que de melhores condições «disponham», para auxiliarem o desempenho desta missão, saindo, fora do estreito âmbito das localidades onde tem a sua sede.

O Comité Confederal, convito que a organização sindical só se robustecerá

ECOS DA BEIRA

UM MAL SOCIAL

O dr. sr. Rocha Brito mostra-nos a forma de combater as doenças venéreas

A tese apresentada pelo dr. sr. Rocha Brito, de Coimbra, ao Congresso das Beiras, impressionou-nos, como a todos, assistiram àquela sessão, porventura a mais importante.

O desassombro, a franqueza de que o ilustre relator usou, agradaram-nos imenso. Seria para lamentar que a coragem dispensada, o trabalho e energia consagrados àquela tese que interessa ao país inteiro, tivesse o destino que os outros trabalhos tiveram — o sono calmo do esquecimento.

A tese do dr. sr. Rocha Brito é um dos trabalhos clínicos mais importantes realizados ultimamente; divulgá-lo é uma obrigação.

Numa tarde cálida da semana passada, resolvemo-nos a atravessar a praça da República, em Viseu, correndo o risco de nos derretarmos ao sol abrasador, e procurar o dr. sr. Rocha Brito, no hotel.

Fomos amavelmente recebidos. O ilustre professor achou de extrema utilidade a divulgação dos principais pontos da sua tese e pôs-se à nossa disposição para responder às perguntas que a nossa curiosidade ditava.

O flagelo toma proporções assustadoras — Há casos verdadeiramente horrorescos

—A que atribui a irradiação das doenças venéreas? — interrogámos.

—A' grande guerra; às dificuldades de vida; ao exodo para as cidades; à falta de higiene, e à ignorância. O nosso soldado regressou das trincheiras coberto de glória e de doenças.

—Sabemos que a doença, nestes últimos tempos, tem feito progressos extraordinários — dissemos.

—Conheço casos — disse o dr. sr. Rocha Brito — verdadeiramente horrorescos. Há indivíduos que sensivelmente a nossa flegma de médicos; são verdadeiras chagas andando.

E animando-se proseguir:

—A doença ataca de preferência os novos, aqueles de quem tudo há a esperar na vida, que cedo se inutilizam, tornando-se verdadeiros abortos. Infelizmente nada de prática do flagelo. Oculta-se a doença e assim, às escondidas, ela caminha com rapidez, propagando-se de uma maneira assombrosa.

—Não dizia na sua tese — perguntámos — que havia necessidade de se fazer propaganda contra a sífilis?

—Sim, é absolutamente necessário tomar-se essa propaganda a sério.

Urge fazer entre o operariado larga propaganda contra a sífilis

—Quais são os meios que considera mais profícuos para dar combate à doença?

—Muitos. Deve-se principiar pela escola. Os nossos livros escolares, por exemplo, nada dizem sobre o assunto e era de necessidade absoluta que alguma coisa dissemos. Devia-se espalhar o gosto p'la ginástica e pelos desportos.

O médico escolar tinha por obrigação ensinar as regras da profilaxia. Também seria de grande utilidade o espalhar-se profusamente brochuras que elucidassem a mocidade do perigo que corre quando se mete às cegas em aventuras.

—Entre o operariado também urge fazer-se larga propaganda contra a sífilis — avançámos.

—E' ele que, devido a sua miséria e ignorância — apressou-se a dizer o nosso entrevistado — o mais sacrificado pela horrível doença.

—Os patrões das fábricas devem ter um médico e proceder à construção de balneários. Mas infelizmente não se faz nada disto.

A mocidade dos exércitos está quase toda contaminada — Acabe-se com o regime prisional das enfermarias

—E na caserna...

O dr. sr. Rocha Brito não nos deixou continuar, falava com entusiasmo:

—A mocidade dos exércitos está quase toda contaminada. Formada por camponeses, quando estes voltam às suas terras levam consigo a doença. E' por isso que já se verificam na província casos inúmeros, terríveis, a que urge pôr termo. E para se conseguir a extinção do mal, seria necessário que os hospitais, ao contrário do que sucede agora, tivessem todos os medicamentos requeridos; que as enfermarias não fossem verdadeiras prisões, desagradas.

desde que um vasto e metódico plano de propaganda doutrinária e de organização seja posto em prática, propõe ao Conselho:

1.º Que a Secção das Federações fique autorizada a entender-se no mais breve espaço de tempo com cada Federação, autorizando a fazer tudo o que julgarem necessário para pôr em execução o que está anunciado no relatório supra;

2.º Que a Secção das Unões de Sindicatos inicie desde já todos os trabalhos tendentes a que cada União, não só facilite a missão confederal da Secção das Federações, como colabore activa e directamente na mesma missão, nas respectivas localidades e nas circunferências em conformidade com as indicações confederais;

3.º Que as duas secções se consentem entre si a fim de facilitarem o cumprimento desta missão;

4.º Que o Comité Confederal fique autorizado a prestar o seu directo contributo a esta obra cedendo as quantias necessárias para as despesas, podendo recorrer a outros meios compatíveis com a dignidade confederal, no caso de o cofre da Confederação, momentaneamente, não poder arcar com encargos superiores às suas possibilidades financeiras.

Lisboa, 15 de Junho de 1921.

O Comité Confederal

NOTAS & COMENTÁRIOS

As tarifas da Carris

Em virtude da decisão da Câmara Municipal de não admitir que fosse entregue a um tribunal arbitral a solução do conflito, a Companhia Carris recorreu para a Auditoria Administrativa, impedindo assim a interferência do governo na questão.

E' neste pé que está o conflito e aguarda-se, para a sua solução, que o tribunal se pronuncie, havendo nas regiões operárias as esperanças em que a Auditoria Administrativa seja favorável ao aumento das tarifas. E assim devemos ter carros lá para abado.

E já que falamos em tarifas, são interessantes os cálculos que sobre o movimento da Carris faz o sr. Eduardo Jorge, o proprietário dos célebres e saudáveis carrões de «Choras».

Reproduzimos do Diário de Lisboa:

Em 1917 trazia em sua rota 24 carros, que diariamente, em média, transportavam 900 passageiros cada um, ou fossem 21.600 os 24 veículos. Temos, portanto, nesse ano, o último da minha exploração, um movimento de mais de sete milhões e oitocentos mil passageiros.

—Todavia, a companhia nos seus mapas accusa um movimento de trinta e mil milhões no último ano, com maior número de carros.

—Acho pouco. Em 1919-20 a Carris trazia 280 carros em circulação. Ora a mil passageiros cada um, o que não é exagero, conto com 280.000 por dia, ou sejam 102 milhões e «pito» por ano. E assim, já o meu amigo vê — conclui o sr. Eduardo Jorge — que a Carris regista alarmismos dum forma muito singular.

O crime de Alpiarça

Alpiarça continua a não dormir de noite a pensar na morte do tenente Fonseca. O mistério tende a desvanecer. Já ontem um dos presos, Catarino, o que guiava o automóvel, foi interrogado, não sabendo nós, por enquanto, o resultado do interrogatório. A noiva, Amélia Melicio, que declarou a medo, ao nosso enviado especial, ter visto o fumo do tiro sair do automóvel, parece ter readquirido mais ânimo, afirmando já ter visto o tiro partir do carro. Seria bom que se conseguisse saber, ao certo, quem tem exercido coacção sobre a noiva para que ela não faça revelações comprometedoras para os passageiros do célebre automóvel que se encontram presos.

Parlamentarismo e sindicalismo

La Voce, jornal burguês italiano, fazia, há anos, esta bela e insuspeita defesa do sindicalismo e da acção directa:

«O especulador dado pelo regime parlamentar nos últimos anos, foi este: o que bom produziu foi imposto ao dilado no parlamento pelas Associações Operárias, pelos Sindicatos, pelas Federações, pelos Técnicos estranhos ao parlamento, mas conhecendo por dentro os assuntos a tratar e as necessidades a satisfazer. O que o parlamentarismo produziu por si só foram leis fantásticas sem engrenagem com o país, em contradicção com a sua vida, etc.

U. S. O.

Conselho de delegados

Reúne hoje, pelas 21 horas, com a presença de todos os delegados, a fim de tratar assuntos urgentes.

Contra os «civilizadores»

Os indianos combatem a tirania inglesa

LONDRES, 21.—No último encontro, que teve lugar próximo da fronteira nordeste da Índia, foi ferido um oficial inglês e morto um soldado da metrópole. Foram também mortos dois oficiais e dez soldados indianos — Rádio.

AMANHÃ

Ler em «A Batalha»

Autoridade contra Liberdade

Artigo de HAMON

A escassês de farinhas

Estamos sem pão?

Os moageiros e industriais de padaria de vários pontos do país estão instando com o governo para que lhes forneça trigo e farinhas, de que há absoluta falta, estando imminente a cessação do fabrico de pão.

Esperava-se, segundo se diz, no fim do mês um carregamento de trigo exótico, mas o respectivo fornecedor faltou ao seu compromisso. Sobre este assunto, houve ontem uma conferência entre o presidente do ministério e o ministro da agricultura.

A guerra greco-turca

A Inglaterra e a França procuram «entender-se»...

PARIS, 21.—A Inglaterra e a França tem-se esforçado por chegar a um entendimento na questão greco-turca. O «Figaro» diz que, suceda o que suceder, nunca a França ajudará o rei Constantino. O «Gaulois» diz que será possível que a Inglaterra obtenha da Grécia os renunciamentos que lhe solicita. — Rádio.

Opiniões otimistas dum correspondente do «Times»

LONDRES, 21.—O correspondente do «Times» em Smyrna diz que tudo leva a crer que, para se evitar o desnecessário derramamento de sangue na próxima ofensiva, a opinião pública na Grécia veria com agrado a intervenção da Inglaterra e dos Estados Unidos. — Rádio.

AS GREVES

Pessoal da Carris

E' apreciada a atitude dos revisores e expedientes que aderiram ao movimento :-:

A' reunião de ontem presidiu Carlos Fortes que foi secretariado por António Carlos Raposo e António Luís Gonçalves Costa. O camarada presidente pergunta à assembleia se se encontra na mesma disposição de agir como até aqui, sendo correspondido com vibrantes vivas à greve. E' lido um ofício das camaradas revisores e expedientes, em que declaram, sob palavra de honra, estarem de alma e coração com os grevistas e dispostos a não retomarem o trabalho sem que o pessoal e comité o deem.

Manuel Rôlo elogia o acto dos camaradas revisores e expedientes e Manuel de Almeida Lopes põe em relevo o facto de o governo recuar na sua atitude em pôr os carros na rua, a todo o custo.

E' lida uma carta do camarada Artur Fernandes, do quadro eléctrico da geradora, com a qual envia 3500 para ajudar algum camarada mais necessitado.

Armando Martins exalta a atitude dos camaradas revisores e expedientes. Diz que se o governo fizer sair os carros tripulados por militares serão esses mesmos militares que destruirão os carros, em virtude da sua incompetência para tal serviço. Depois de longas e interessantes considerações, faz notar não ter o pessoal nada com a Câmara nem com o governo, mas simplesmente com a Companhia, pelo que o pessoal não retomará o trabalho sem completa satisfação das suas reclamações. Informa que a ele não aderiram, estavam tirando de doença na ocasião em que fazia uma demarcação com os restantes membros da comissão, tendo de ser trans-

portado em automóvel, a sua casa onde ficou bastante mal.

Entra na mesa a seguinte nota do Comité que é lida no meio do maior entusiasmo:

Presados camaradas:—Decorridos 19 dias de greve, mais uma vez o comité informa que o movimento continua com a mesma persistência e ainda com dados mais seguros para garantir a vitória, que a passos agigantados se aproxima.

Pelos seus delegados de comunicação, pode o vosso comité informar-vos que os nossos colegas revisores e expedientes tomaram uma atitude digna de registro, pois deliberaram, sob palavra de honra, não retomar o trabalho sem que este comité ordene. Tal atitude dignifica essas camaradas, os únicos que o governo julgava ter o seu lado para furar o justo movimento da classe.

Também é digna de registro a atitude tomada pelos maquinistas da Geradora e encarregados que se encontram ao serviço e que não damos a público para não estorvar a acção desses camaradas.

Com tudo neste pé, com o excelente moral da classe, nada temos a recear, porque, quer queiram, quer não queiram, a vitória tem que ser um facto.

Mais vosso comité que, correndo do boato de perseguição a elementos da classe e como naturalmente os mais perseguidos serão os componentes da comissão de negociação, encontram-se já constituídos duas comissões para substituir aqueles que venham a ser delatados.

O vosso comité termina por vos saudar e lutar a continuar na luta até completa satisfação das reclamações formuladas.

Camaradas, bradeiros unidos: Viva a solidariedade do pessoal da Carris Viva a C. G. T., a U. S. O., e o jornal A Batalha! Amizade os expulsores da vitória! O comité central. — R. L. X-18-3-9-27.

Fala por último José Augusto Martins, que aconselha aos seus camaradas a firmeza demonstrada até agora, encerrando-se a sessão por entre calorosas e demoradas vivas à greve, C. G. T., Batalha, etc., de mistura com protestos contra a Confederação Patronal exploradora do povo trabalhador, etc.

Classes gráficas

O conflito mantém-se na mesma, sendo ex-celente o moral dos reclamantes :-:

O conflito gráfico, que, não é demais repeti-lo, se mantém apenas em virtude da temerosia dos industriais, longe de ser favorável a estes, é cada vez mais prejudicial, dada a circunstância do lock-out não ser geral e os industriais que a ele não aderiram, estarem tirando do mesmo o máximo proveito, como os interessados poderão verificar.

Reúnem-se os industriais, não sabendo nós o que terão deliberado. O que, porém, se nos afigura como mais viável, em face do belo espírito das classes reclamantes, é para uma breve solução do conflito, é conceder o aumento de salário reclamado, sob todos os pontos justo e possível. Tudo quanto se pretenda fazer fora desta solução, só servirá para protelar o conflito, sem proveito para qualquer das partes interessadas.

Apesar da campanha ora levantada em alguns jornais, apregoando o barateamento do custo da vida, verifica-se que, a excepção de bem poucos géneros, tudo se conserva como até aqui, não indica que esses mesmos raios generosos barateados voltarão em breve a subir, visto que sem o equilíbrio da nossa balança comercial não há, nem pode haver, melhoria de vida, sendo por tal motivo insuficientes os salários que as classes reclamantes percebiam.

Apesar de estar ao facto de tudo quanto se passou na reunião dos industriais, que foi por sinal bem tumultuada, entende este Comité dever aguardar com a mesma serenidade os acontecimentos, para então se pronunciar. O que porém deve declarar, desde já, por a seu estar autorizado, é que se com a secção gráfica, da Associação Industrial, tratara, para a solução do conflito, a solução do conflito.

Sabemos que, na opinião de um industrial, e dos mais importantes, esta greve serviria para, nos olhos dos incautos, justificar o tremendo assalto que os industriais vão realizar, sob o pretexto de que tiveram de aumentar o seu pessoal.

Quem ninguém se apresente, ao abrir das oficinas, sem este Comité o aconselhar, despresando assim qualquer ultimatum da C. P., a quem as classes não reconhecem o direito de intervir num caso que não lhe diz respeito.

Extrahiu um industrial, que, segundo os nossos informantes, tem um certo horror às responsabilidades, que numa nota deste Comité chamamos a atenção a C. P. Quem são então os seus corpos directivos, e quem autorizou o seu funcionamento a porta fechada?

Quem ninguém falte à assembleia de amanhã. Os camaradas do Comité devem reunir no local indicado, uma hora depois da habitual. — O Comité.

Os ferroviários do Sul e Sueste e a sua adesão à C. G. T.

Um importante reunião em Faro — Desfazendo umas acusações a Miguel Correia

FARO, 20.—C.—Ontem realizou-se na sede da delegação ferroviária de Faro, uma assembleia magna, presidida pelo camarada Madeira, secretário pelos camaradas Francisco Leal e Correia de Barros.

Foi aberta a sessão às 14 horas, tendo o presidente explicado detalhadamente à assembleia os trabalhos a seguir.

Porém, antes da ordem, foi concedido a Miguel Correia alguns minutos para tratar de umas acusações inseridas no semanário O Algarve, que brigavam com a sua honra de militante operário. Na sala encontrava-se o sr. Manuel Caetano de Sousa, autor das locais citadas, convidado ali a comparecer por Miguel Correia.

Este camarada, fazendo uso da palavra, disse que desejava ver ali representado na sua totalidade o pessoal da delegação de Faro, porque os assuntos a tratar, são da máxima importância para a classe ferroviária. Porém, agora iria tratar da sua honra ofendida e desejava provar a sua honestidade dentro da organização operária.

Convida, pois, o sr. Caetano de Sousa, a provar as acusações publicadas e pede a todos os camaradas presentes a máxima serenidade ante o conflito entre ele e o seu adversário, Miguel Correia durante uma hora prende a atenção da assembleia, apresentando nitidamente, sem rebuços de vaidade, o que tem sido a sua vida de ferroviário. Conta a sua vida particular, as lutas tremedizas com a miséria que o tem acompanhando, os seus desesperos em determinadas ocasiões, e ao mesmo tempo explica o início da sua entrada na luta so-

cial contra os causadores da miséria do povo. Contou o caso da estação de Valdeira, suficientemente conhecido pela maioria dos ferroviários, caso este que os seus adversários político-burgueses exploram para combater a sua vida de militante operário.

Em seguida é dada a palavra ao sr. Caetano de Sousa, que se apresenta fardado de oficial do exército. Sauda a assembleia e começa por se dizer amigo das classes trabalhadoras, mas não concordar com a orientação até hoje mantida por ela. Como fosse convidado pelo camarada Miguel Correia a esta entrevista, não quiz faltar, por que desejava arcar com as responsabilidades que lhe cabem, das locais inseridas no semanário O Algarve. Depois proferiu uma infinidade de frases que nada provaram das acusações feitas, mas simplesmente mostraram o seu ponto de vista político e nada mais. A sua segunda local, a mais agressiva, foi motivada pelo sulto de O Sul e Sueste, quando respondeu ao seu primeiro, no Algarve, e que chamando empreiteiro de greves a Miguel Correia e outras coisas mais, diz aquele senhor que não queria ofender ninguém. Limita-se por último a retirar as suas acusações e insultos, caso Miguel Correia retire igualmente o que inseriu em O Sul e Sueste. Por fim, chegou-se à conclusão seguinte: que o sr. Caetano de Sousa era insidiosamente informado pelo amarelhos ferroviários.

Naves Anacleto diz algumas palavras sobre o assunto, aconselhando o sr. Sousa, a que quando queira atacar, procure provas verídicas para o fazer, e depois, para sanar o caso, fala o camarada Manuel Joaquim de Sousa, secretário da C. G. T., que, com palavras de conciliação, consegue que final-

